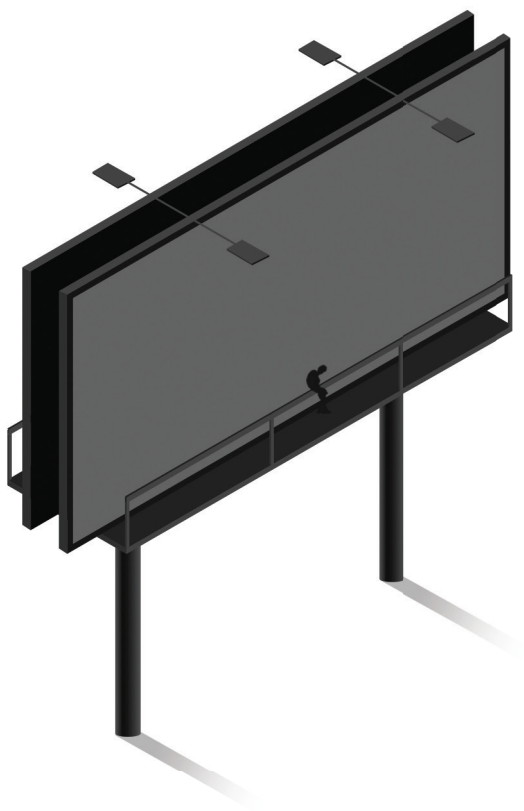


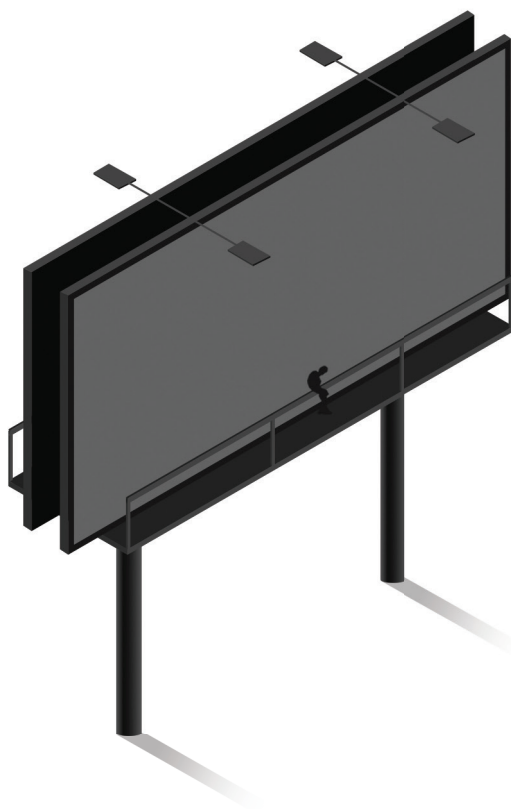
O HOMEM DO
OUTDOOR

O HOMEM DO OUTDOOR



MARÍA JOSÉ FERRADA O HOMEM DO OUTDOOR

Tradução de Silvia Massimini Felix



Para Rodrigo Marín

Contra toda a ciência, queria eu a felicidade.

Günther Grass, *O tambor*

PRIMEIRA SEMANA

Segunda-feira

Ramón subiu no outdoor da Coca-Cola que fica na beira da estrada numa segunda-feira, e nesse mesmo dia, enquanto o sol se escondia atrás das colinas que cercam os prédios da vila, ele decidiu que ficaria morando ali. Embora já fosse tarde, continuava fazendo calor. Um calor que parecia mais seco naquela parte da cidade em que ainda não haviam chegado o calçamento nem as árvores.

“Um deserto”, disse Ramón. E percebeu que aquele trambolho de ferro, que ele achava parecido com o esqueleto de um mamute, era grande o suficiente para que coubessem nele alguns móveis: um colchão embaixo daquilo que, cinco milhões de anos atrás, haviam sido as costelas, uma mesa no lugar da clavícula e um pequeno abajur na cavidade do olho. Instalaria o sistema de água seguindo a estrutura do que certa vez tinha sido uma imensa floresta de veias e nervos.

Terça-feira

Com a ajuda de algumas cordas e um sistema de roldanas que ele mesmo inventou, fez a mudança do seu apartamento para o outdoor em tempo recorde: não demorou mais do que três ou quatro horas. Ao terminar, pronunciou palavras que só ele ouviu porque lá em cima Ramón, além de ter uma vista panorâmica da cidade, estava exatamente como queria: sozinho.

A luz da casa do outdoor se acendeu, por volta das dez horas, bem no buraco da letra O da frase “COMPAR-TILHE A FELICIDADE”, escrita com letras brancas numa das portas do conversível vermelho — como a latinha da bebida — dirigido pela mulher gigante do anúncio. Lembro-me disso porque coincidiu com o momento em que apaguei meu abajur.

— Vá dormir de uma vez por todas, Miguel.

— Sim, mamãe — eu disse.

Mas, em vez de obedecê-la, coleí o ouvido na parede e ouvi a história de Ramón.

Quem falava ao telefone, no apartamento ao lado, era minha tia Paulina, que durante os últimos dez anos — eu tenho onze — tinha vivido com ele. Ramón receberia a mesma quantia que lhe pagavam na fábrica de PVC, onde trabalhava de segunda a sexta-feira, das oito às seis. No outdoor, por outro lado, poderia subir quando lhe desse vontade.

Será que o obrigaram a dormir lá em cima? Não, ele ia dormir lá porque queria. Foi a Coca-Cola que o contratou? Não, ele tinha sido contratado por uma empresa que trabalhava instalando outdoors nas estradas de toda a América Latina. Havia mais vagas? Na verdade, ela não sabia. Ramón tinha ficado completamente louco? Precisavam perguntar isso a ele, e não a ela.

O telefone não parava de tocar, então adormeci, ouvindo como minha tia Paulina repetia a história, e sonhei com um homem que jogava sacos de notas de um helicóptero. Os salários — era o que havia nos sacos — caíam sobre os outdoors: Nike, Panasonic, Ford, Gillette, Nestlé, L'Oréal, que estavam distribuídos em diferentes capitais: Santiago, Lima, Buenos Aires, Manágua, Cidade do México. Eu estava sentado dentro do helicóptero e notava que os outdoors tinham algo em comum: não importava em que cidade eram instalados, todos ficavam numa estrada que levava ao aeroporto. Dentro do sonho, eu sabia que estava sonhando porque, embora o vento entrasse pela janela do helicóptero, o chapéu do homem que distribuía as notas não se mexia.

Quarta-feira

Ramón ligou para o seu novo chefe para lhe dizer que decidira ficar vinte e quatro horas, sete dias por semana, no seu novo emprego. *Havia algum problema?* As três primeiras chamadas caíram numa gravação que dizia que o correio de voz não estava habilitado para receber mensagens. Na quarta tentativa, seu chefe, um certo Eliseo, respondeu:

– Vamos ver se você entendeu, Raúl.

– Ramón.

– Vamos ver se você entendeu, Ramón: sua função consiste em cuidar do outdoor, para que não roubem os holofotes. Se para fazer isso você quiser dormir lá em cima, se pendurar numa nuvem ou se esconder no mato, a verdade é que a gente não está nem aí.

– Tudo bem, obrigado — disse Ramón, que considerou o que ouvira como uma espécie de autorização municipal para habitar a nova casa.

– Eu que agradeço, Raúl, eu que agradeço.

Eu tinha onze anos e não precisava ter doze para perceber que teria sido mais lógico fazer essa ligação antes, e não depois, de realizar a mudança de casa. Onze anos morando no meu prédio, na vila e neste mundo me ajudaram a entender que ninguém se interessa muito pela lógica por aqui. Inclusive Ramón.

Contrato? Eles não o contratariam, era ele quem emitiria uma nota fiscal. Não importava, porque na fábrica de PVC — como em todas as fábricas nas quais o dono

também era responsável pela fiscalização do cumprimento dos direitos trabalhistas e do pagamento dos salários — ele recebia um holerite no qual aparecia apenas a metade do dinheiro que recebia. O resto vinha como: horas e “dinheiro extra”.

Eles não lhe dariam almoço, então Ramón cozinharía para si mesmo com a ajuda de um botijão de gás e um fogão de acampamento. Isso também não significava uma grande mudança: o almoço, pelo que ele sabia, só era oferecido em fábricas com mais de cem trabalhadores. Ou nos filmes, embora na verdade os trabalhadores nunca aparecessem neles. Preferiam policiais ou agentes dos serviços de emergência.

Meio contrato e um almoço. Mais se perdera na guerra, pensava Ramón, enquanto varria os restos de mosquitos, crocantes e suicidas, que, contrariando as teorias sobre o instinto de sobrevivência no mundo animal, se lançavam toda noite, como minúsculos kamikazes, contra os holofotes.

Quinta-feira

A vila é formada por uma dezena de prédios que, vistos de longe — do céu, por exemplo —, parecem enormes pecinhas de Lego. Cada um tem quatro andares de quatro apartamentos com as respectivas janelas que, de acordo com sua localização, dão para as escadas, para os muros, para a quadra ou para a estrada. Entediado, já tentei contá-las certa vez e o resultado, imagino que devido à minha falta de concentração, foi entre trezentos e trezentos e trinta.

Contudo, o importante não é o número exato de janelas, e sim a hora em que os vizinhos — homens, mulheres, crianças — olham através delas, em busca de uma espécie de saudade, prestes a ser esquecida, da visão do sol entre as colinas, que há anos ficou escondida atrás dos outdoors. Ou talvez, pensando bem, o gesto de olhar para o horizonte seja apenas o sinal que anuncia que mais um “maldito dia” está finalmente acabando. Cada um deve ter sua opinião. O importante é que, olhando por aquelas janelas, os vizinhos notaram que no outdoor da Coca-Cola havia uma casa. As opiniões, desde o início, se dividiram:

Havia os que exclamavam “ah, ah, ah”, e que no fundo queriam dizer — sem se arriscar a fazê-lo — que Ramón era um idiota. Também havia quem perguntasse “o que ele está fazendo lá?”, em busca de uma resposta cúmplice que confirmasse a tese dos risonhos: “Sim, era um idiota”. Havia um terceiro grupo, mais sério, que sem rodeios fazia um diagnóstico psiquiátrico: “Ele é louco”. “E que

diferença havia entre um louco e um idiota?” “Nenhuma.” A essa altura, a unanimidade teria sido alcançada, não fosse por alguns que apareciam no último minuto para dizer: “Que ele more onde quiser”. Em relação a estes últimos, a tendência da maioria era fingir que não ouvira. Por fim, havia aqueles que não opinavam.

A história da humanidade demonstra que quem abre e quem fecha a lista — os que riem, os que ficam calados — acaba sendo mais perigoso. Mas essa história não é algo que tenha muita importância para o nosso relato; de modo que, por ora, enquanto as cabeças assomam das janelas dos prédios “apenas para olhar”, a verdade é que não há nada com que se preocupar.

Sexta-feira

— Como a gente sobe no outdoor? — perguntei.

— Voando, Miguel, de que outra forma? — Paulina me respondeu, enquanto subíamos as escadas em que às vezes eu me sentava para esperá-la. Estava brincando, porque a verdade é que na casa do outdoor se subia por uma escada que, ao contrário daquela que ligava os andares e que agora me servia de assento, Ramón podia fechar, com duas tábuas em formato de cruz, quando queria que as pessoas de lá de baixo não o incomodassem.

— As pessoas de lá de baixo somos nós? — insisti, interessado.

— Sei lá, pergunte a ele.

— Podemos ir lá perguntar?

— Não, Miguel, é perigoso.

— Por quê?

— Porque, pelo que eu saiba, você não tem asas e, se cair, pode quebrar a cabeça.

— O Ramón tem asas?

Paulina ficou em silêncio. Ramón não tinha asas ou, se tivesse, escondidas sob a camisa, eram asas finas que um vento qualquer poderia quebrar.

— Vamos amanhã?

— Que encheção, Miguel.

— Por favor, Pauli.

Sábado e domingo

Se no fim do domingo eu tinha conseguido convencer Paulina a me levar até o outdoor, não foi só por minha insistência, mas porque desde o início sabíamos que Ramón não ficaria ali por muito tempo. Como as coisas que simplesmente se sabe e que existem para lembrá-lo de que:

nem tudo tem explicação
nem tudo se divide entre o que
termina bem e o que termina mal
nem tudo pode ser reparado.

Como os holofotes do outdoor, que no final desta história vão estar quebrados. Ou como o que gira lá em cima: corpos celestes, matéria cósmica, que mais cedo ou mais tarde acabarão se apagando. Isso é triste? “Triste, na prática, é que sua cerveja acabe”, Ramón teria dito. E quem o escutasse o olharia como sempre: com um misto de desprezo e admiração.

OS DIAS SEGUINTEs

Ele era estranho, mas não era má pessoa. O problema, o verdadeiro problema, dizia minha mãe, era que Ramón “enchia a lata”. Dava para ver nos seus olhos vidrados, nas mãos trêmulas e naquele cheiro que a essa altura não vinha da sua boca, mas dos poros. “Você realmente não sente, Pauli?” A intenção da pergunta, mais do que obter uma resposta, era magoar Paulina, que sempre acabava lhe dizendo, de maneira muito gentil para o meu gosto: “Vá cuidar da sua vida”.

“Eu digo isso porque te amo”, respondia minha mãe. “Eu digo isso porque me importo com você.” “Eu digo isso porque você é minha irmã mais nova”, ela continuava. E no fim acabava chorando e dizendo que Paulina, Ramón, os moradores da maldita vila, meu pai — que havia desaparecido anos atrás — e eu éramos “uns sanguessugas, uns ingratos, uns estúpidos”.

Família. Nessa época, decidi que assim vai se chamar o filme que farei um dia e no qual todos os protagonistas vão acabar desmaiados debaixo da mesa por terem bebido um líquido espesso e açucarado. “Amor” é a palavra que vai aparecer escrita no rótulo da garrafa que minha câmera focalizará pouco antes da palavra “Fim”.

Estranho, mas não uma má pessoa. Ramón conhecia a frase desde criança.

Poderia ter respondido que já naquela época ele sabia que, se quisesse ouvir o canto dos pássaros que pousavam

nos fios dos postes, precisava de silêncio. Ou, de modo mais simples: entre falar e ouvir, preferia o último.

Não era uma guerra contra o universo. Nem contra si mesmo. Ainda assim, houve feridos. A primeira foi sua mãe. Estranho. Em todos os grupos havia um estranho, e dessa vez o título, ela tinha certeza, seria do filho. Portanto, era ela — e não ele — quem sofria quando chegava a avaliação trimestral: acompanha regularmente o conteúdo das aulas. Cuida da sua higiene pessoal. Não participa das atividades em grupo. Ela, e não ele, que olhava pela janela as crianças brincando no aniversário para o qual Ramón, mais uma vez, não tinha sido convidado.

No início, obrigava-o a descer. Para brincar. Vamos ver se eles o convidam da próxima vez (“Você tem que fazer sua parte, Ramón”). E ele, sem protestar, descia, mas quando chegava lá, em vez de entrar no grupo, ficava olhando para cima: as nuvens que naquela hora cruzavam o céu, embora se parecessem bastante, eram diferentes das do dia anterior. Algo semelhante acontecia com as cores: com o passar dos dias, a paisagem — se é que se podia chamar assim as colinas cobertas de mato que circundavam a cidadezinha — sofria uma ligeira mudança.

Deve ter sido uma semana antes do seu aniversário número nove, depois de ver a cara de decepção que sua mãe fazia, mais uma vez, ao ler o relatório escolar, que ele resolveu se esforçar e ir até onde seus colegas estavam para entregar pequenos cartões convidando-os para o seu aniversário. Ramón estaria esperando por eles bem penteado e com a casa cheia de balões.

Alguns dias depois, enquanto sua mãe os enchia, ela sentiu que não apenas seus pulmões, mas também seu

coração se esvaziava um pouco: e se eles não viessem? Isso significaria que Ramón, aos oito anos, havia fracassado como criança? Era culpa dele? Ou, pior ainda, dela? Não foi necessário buscar respostas, pois os convidados chegaram. E brincaram, riram e até explodiram uma pinhata.

Enquanto os escutava, a mãe se lembrou do dia em que tinha chegado do Sul com o filho nos braços para um dos prédios dessa mesma vila. Pois, embora os apartamentos fossem pequenos, havia casos curiosos em que o coração era grande e as famílias, que já viviam apinhadas, recebiam outras, que se acomodavam como podiam. A permanência, que se esperava que durasse alguns meses, quase sempre se estendia por anos. E lá estava ela, vendo o tempo passar, ao lado daquela criança que finalmente estava brincando com os outros. Seu filho.

O pequeno Ramón, que já começava a desenvolver o hábito de ter a cabeça em várias partes ao mesmo tempo, olhou para a mãe debruçada na janela e, sem perder a concentração na bola, percebeu no rosto dela algo parecido com um sorriso. Continuou correndo e decidiu que, para continuar a vê-lo, naquela cara que quase sempre estava triste, faria um esforço e pararia de procurar o silêncio. Ou melhor, faria uma pausa.

O álcool? Ele o conheceu na adolescência. Nada muito importante. Ou sim: o álcool foi uma descoberta bondosa, uma barreira entre ele e o ruído. E, como todos os alcoólicos do mundo, ele tinha certeza de que o abandonaria quando quisesse.

Não sei bem quantas vezes subi ao outdoor. Talvez umas nove ou dez. Em certas ocasiões com Paulina — uma das poucas pessoas com quem Ramón se esquecia da saudade da infância silenciosa —, em outras sozinho, e uma última vez que fui forçado pelos vizinhos, quando Ramón já não morava ali. Eu gostaria que tivessem sido mais, gostaria talvez de ficar morando lá em cima, mas nem sempre as coisas são como se sonha. Ao contrário, são bastante diferentes. O importante é que tivemos tempo suficiente para conversar um pouco. E também para ficar quietos e perceber que, quando os carros diminuem a velocidade, o vento começa a soprar mais forte.

Relações entre o que acontece em cima e o que acontece embaixo. Ramón tinha certeza de que existiam. Ele havia levado trinta e seis anos para encontrar o observatório de que precisava para continuar a busca pelo silêncio que interrompera aos nove anos. Um observatório e também um trabalho que, sem roubar seu tempo, lhe permitisse comprar um bom casaco e lhe garantisse um prato de comida. E também a cerveja.

Existiam fios, ele explicou. Fios delgados que conectavam as coisas. Essa manhã, enquanto estava escolhendo seus sapatos azuis, no exato momento em que os amarrava, um astrônomo descobria um par de estrelas de tipo espectral que, devido à alta temperatura da superfície, brilhavam com uma cor azulada. Sua escolha ajudara em algo? Em outras palavras, essa descoberta (lembro a

você: estrelas azuladas) não seria o equivalente cósmico e fantasmagórico dos seus sapatos? E, se sim, você fez bem em não escolher sapatos pretos?

Relações entre o que acontece em cima e o que acontece embaixo. Você precisava se situar em algum lugar intermediário — não muito colado à terra e não muito perto do céu — para vê-las.